

HASPELMATH, M. Descrição, comparação e tipologia das línguas: uma entrevista com Martin Haspelmath. Tradução de Larissa Colombo Freisleben e revisão de Sara Luiza Hoff. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

Descrição, comparação e tipologia das línguas: uma entrevista com Martin Haspelmath

Martin Haspelmath¹

ReVEL - A linguística diacrônica e a tipologia linguística são áreas de estudo que têm uma longa história. Como você vê a evolução dessas áreas e o seu futuro?

MARTIN HASPELMATH - Na verdade, a linguística diacrônica séria é muito mais antiga que a tipologia, remontando ao início do século XIX, com avanços como os estudos comparativos do indo-europeu de Bopp e os estudos comparativos germânicos de Rask e Grimm. Portanto, observaram-se descobertas empolgantes na linguística histórica-diacrônica desde os anos 1820, e era um campo bastante maduro na década de 1880. Por outro lado, uma tradição consolidada de estudos tipológicos só existe desde os anos 1960 – o artigo de Geenberg de 1963 foi um marco. Para realizar estudos interlinguísticos sérios, é necessário ter acesso a boas descrições de línguas de todo o mundo, e poucos linguistas tinham os meios ou os interesses para realizar esse tipo de trabalho no século XIX e na primeira metade do século XX, quando ideias nacionais ou nacionalistas estavam em primeiro plano no interesse público em muitos países. Depois da Segunda Guerra Mundial, cada vez mais pessoas adotaram uma perspectiva global, e cada vez mais países na África e na Ásia se tornaram independentes e membros de pleno direito da comunidade internacional. Parece-me, portanto, que o interesse na comparação em nível mundial é, também, uma consequência da descolonização dos anos 1960 e 1970: cada vez mais, as línguas da Ásia e da África passaram a não ser apenas de interesse de missionários cristãos e de alguns antropólogos, mas também a ser vistas como uma parte fundamental da riqueza cultural desses países. Os ocidentais passaram a aceitar progressivamente que os seus

¹ Department of Linguistic and Cultural Evolution - Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology

países não eram o topo de uma hierarquia, mas apenas algumas áreas do mundo com uma história específica compartilhada.

Além disso, acredito que, à medida que valores universais (como os direitos humanos) tornaram-se mais proeminentes, os acadêmicos também se interessaram mais pelo que é universal entre as línguas, em um sentido empírico. Provavelmente não foi por acaso que o trabalho fundamental de Greenberg (1963) sobre tipologia e o trabalho inicial de Chomsky (1965) sobre a gramática universal surgiram na mesma época. Isso também teve relação com o deslocamento da Europa para os Estados Unidos depois da guerra: no século XIX, a linguística histórica era normalmente vista como uma forma de estudar o passado de uma nação, mas os norte-americanos tinham origens étnicas muito diversificada e não tinham uma longa história em seus próprios países; em contrapartida, os linguistas dos Estados Unidos tinham acesso a uma grande variedade de línguas indígenas, bem como a diversas línguas de imigrantes. Isso favoreceu, portanto, uma perspectiva mais ampla e universal sobre a linguagem e sobre as línguas.

É impossível prever o futuro, mas deixe-me apontar algumas tendências dos últimos anos. Em primeiro lugar, a linguística diacrônica tornou-se mais computacional e quantitativa, e suas descobertas são cada vez mais refinadas, mas não parece ter havido nenhum avanço maior na compreensão. Há, agora, um reconhecimento geral de que a mudança linguística só pode ser entendida no contexto da variação social em uma comunidade, mas há uma infinidade de fatores que foram associados à mudança linguística. Na verdade, nós não entendemos a mudança linguística muito bem, e talvez seja melhor vê-la como aleatória em grande medida, como outros tipos de mudanças sociais e culturais. Em segundo lugar, a tipologia linguística tem se concentrado cada vez mais na diversidade, e algumas das esperanças das décadas de 1970 e 1980 não se concretizaram: os linguistas chomskianos deixaram de esperar que existam algumas dúzias de parâmetros que explicam a variação sintática entre as línguas, e tipologias greenbergianas têm se concentrado cada vez mais em padrões geográficos de larga escala que, às vezes, obscurecem as tendências universais. Portanto, a tipologia também não teve grandes avanços, pelo menos do tipo que o otimismo das décadas anteriores pode ter sugerido. Nossa pesquisa está se tornando mais abrangente e mais sofisticada, mas é muito difícil alcançar uma maior profundidade na compreensão.

ReVEL – Do seu ponto de vista, quais são alguns dos principais avanços – antigos e recentes – da linguística diacrônica ou da tipologia linguística para a compreensão da gramática e da linguagem humana?

MARTIN HASPELMATH – Após as observações um tanto pessimistas que eu acabei de fazer, gostaria de focar em dois aspectos da pesquisa em gramática comparativa em que vejo progresso verdadeiro: os universais de ordem de palavras e os universais de codificação assimétrica. Os universais de ordem de palavras de Greenberg (inicialmente destacados em seu artigo de 1963) inspiraram muitos linguistas das décadas de 1970 e 1980 a buscar grandes propostas explicativas, mas os modelos de definição de parâmetros e as abordagens baseadas na dependência de núcleos não funcionaram bem. Na minha opinião, o grande avanço veio com o artigo de Dryer (1992) e o livro de Hawkins (1994), nos quais foi proposto que os tipos de padrões de ordem de palavras encontrados com mais frequência são também os que apresentam a maior eficiência de processamento. Quando uma língua verbo-objeto também tem preposições e possessivos pospostos, a extensão da dependência é minimizada e os constituintes podem ser reconhecidos com maior facilidade. O artigo recente de Futrell, Levy e Gibson (2020) apresenta muitas evidências para essa perspectiva.

O tópico da codificação assimétrica é menos bem conhecido como um tópico geral da tipologia, e muitos linguistas o tratam sob o nome de “marcação”: o plural é considerado “marcado” em contraste com o singular, o futuro é “marcado” em contraste com o presente, sujeitos indefinidos são “marcados” em contraste com sujeitos definidos “não marcados”, e assim por diante. Mas a ideia da “marcação” nunca foi bem definida, e descobriu-se que uma explicação em termos de codificação eficiente também é possível aqui: os casos “não marcados” são invariavelmente os mais frequentes e, portanto, os mais previsíveis, então faz sentido, do ponto de vista funcional, codificá-los por zero ou por uma forma mais curta. Eu resumi algumas das evidências disso em meu artigo de 2021a.

Então, eu acho que muitas regularidades de ordem e de codificação podem ser explicadas pela eficiência comunicativa, e eu vejo isso como um verdadeiro progresso das últimas décadas. Nós também sabemos que essas explicações funcionais pressupõem uma visão das línguas como sistemas que se desenvolvem culturalmente, análogas a sistemas biológicos com as suas adaptações funcionais. Mas a evolução e

adaptação cultural ainda não é tão bem compreendida como a evolução biológica, e eu entendo que isso é um grande desafio para o futuro.

ReVEL – Um dos seus trabalhos mais conhecidos é o *World Atlas of Language Structures (WALS)* [Atlas Mundial de Estruturas de Línguas], um recurso essencial para a pesquisa linguística, uma vez que fornece dados sobre a distribuição geográfica de estruturas gramaticais para uma grande amostra das línguas do mundo. Recentemente, você também esteve envolvido no Glottobank, como um consultor sênior do projeto Grambank. Pode nos falar um pouco sobre esses projetos?

Martin Haspelmath – Enquanto o *World Atlas of Language Structures* (2005) foi criado pelo departamento de Bernard Comrie em nosso Instituto Max Planck, o *Grambank* (2023) é um projeto sucessor criado sob a liderança de Russell Gray (Gray basicamente substituiu Comrie em 2015 como diretor de um departamento do Max Planck que estuda linguística comparativa mundial). Enquanto o *WALS* se baseava em conjuntos de dados criados por diferentes acadêmicos em diferentes instituições, originalmente para diferentes questões de pesquisa, e nossa tarefa consistia em coletá-los e torná-los acessíveis de maneira uniforme, o projeto *Grambank* é um empreendimento muito mais hierárquico: ele se baseia em um conjunto de 195 questões gramaticais, e os dados foram fornecidos por linguistas (a maioria estudantes ou pós-doutorandos) que foram contratados especificamente para coletar os dados. Portanto, há uma diferença na metodologia, mas vejo os dois projetos como complementares. O *Grambank* tem muito mais dados, mas as descrições dos recursos são mais ricas e profundas no *WALS*. Acredito que os dois tipos de abordagens continuarão sendo importantes no futuro. Não será fácil obter tanto financiamento para um projeto igualmente ambicioso para suceder o *Grambank*, mas, por enquanto, parece haver algum financiamento para continuar ampliando o *Grambank*.

Uma questão é o que acontece com esses bancos de dados *online* quando o financiamento termina (por exemplo, quando um pesquisador importante se aposenta) ou quando o ambiente atual da *Web* muda. Muitos recursos valiosos da *Web* simplesmente desapareceram nas últimas duas décadas. Felizmente, nosso departamento (liderado por Robert Forkel) criou um padrão de dados para esses dados interlinguísticos (chamado CLDF: Cross-Linguistic Data Formats [Formatos de dados

interlinguísticos]), o que deve facilitar o trabalho com os dados de base. Se os aplicativos da *Web* desaparecerem em algum momento, os dados ainda estarão disponíveis e poderão ser usados.

ReVEL - Alguns de seus estudos mais recentes abordam o conceito de linguística geral. Por exemplo, no artigo “General linguistics must be based on universals (or non-conventional aspects of language)” [A linguística geral deve ser baseada em universais (ou aspectos não convencionais da linguagem)], você afirma que “é preciso estudar universais se quisermos fazer afirmações gerais”. Qual é a sua concepção de linguística geral? Como se estuda a linguística geral hoje?

MARTIN HASPELMATH - Linguística geral significa, simplesmente, o estudo da Linguagem Humana em geral e não mudou desde a época de Saussure (cujo famoso livro de 1916 chamava-se *Cours de linguistique générale*). Porém, desde a década de 1960, o termo “linguística teórica” tem sido usado com mais frequência, pelo menos em contextos de língua inglesa. No entanto, os dois não são sinônimos: a linguística teórica se opõe à linguística aplicada (o estudo da(s) língua(s) para fins práticos) e não precisa ser geral – na verdade, há muita linguística teórica particular. Por exemplo, um estudo da flexão verbal francesa é uma contribuição para a linguística teórica francesa, mas não necessariamente para a linguística geral. Eu acho que a linguística geral precisa se basear em estudos comparativos amplos; pois, caso contrário, não conseguiremos distinguir bem entre o que é geral em todas as línguas e o que é específico de uma língua particular. Por que é necessário enfatizar isso? Porque muitos linguistas fizeram propostas abrangentes sobre categorias ou arquiteturas universais com base em uma língua particular – no passado, muitas vezes com base no inglês, mas, mais recentemente, também com base em pequenas línguas minoritárias (como enfatizado, por exemplo, por Andrew Nevins em seu livro de 2022). Acredito que, com frequência, essas propostas são especulativas e prematuras.

ReVEL – Finalizamos essa entrevista perguntando quais referências bibliográficas você recomenda para alguém que esteja interessado em estudar descrição de línguas, linguística diacrônica e tipologia linguística.

MARTIN HASPELMATH – Para a descrição de línguas, provavelmente é melhor consultar descrições específicas de línguas particulares de qualidade, como as que apareceram na série de livros *Comprehensive Grammar Library* da Language Science Press. Mas livros que oferecem panoramas, como Aikhenvald (2015), também podem ser úteis. E, para maior profundidade, manuais como Shopen (ed.) 2007 continuam sendo essenciais.

Com relação à mudança linguística, não tenho nenhuma recomendação específica para iniciantes – há muitos livros didáticos, e o livro mais ambicioso (*Explaining language change* [Explicando a mudança linguística], de Croft (2000)) não é fácil de ler. No entanto, para leitores com uma orientação filosófica, posso recomendar o antigo livro *On language change* [A mudança linguística], de Rudi Keller (1994), escrito em um estilo muito acessível. Ele oferece uma perspectiva histórica interessante e apresenta alguns *insights* importantes sobre a mudança linguística como evolução cultural.

Por fim, para a tipologia linguística, Moravcsik (2013) e (para leitores mais avançados) Song (2018) são os melhores textos introdutórios. Mas também recomendo navegar pelos mapas do *WALS* e do *Grambank*, pois eles dão uma ótima perspectiva da variação interlinguística mundial.

Referências

AIKHENVALD, Alexandra Y. *The art of grammar: A practical guide*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

CHOMSKY, Noam A. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CROFT, William. *Explaining language change: An evolutionary approach*. Harlow: Longman, 2000.

DRYER, Matthew S. The Greenbergian word order correlations. *Language*, v. 68, n. 1, p. 81–138, 1992.

FUTRELL, Richard; LEVY, Roger P.; GIBSON, Edward. Dependency locality as an explanatory principle for word order. *Language*, v. 96, n. 2, p. 371–412, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/lan.2020.0024>.

GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph H. (ed.). *Universals of language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1963. p. 73–113.

HASPELMATH, Martin. General linguistics must be based on universals (or nonconventional aspects of language). *Theoretical Linguistics*, v. 47, n. 1–2, p. 1–31, 2021a. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/tl-2021-2002>.

HASPELMATH, Martin. Explaining grammatical coding asymmetries: Form-frequency correspondences and predictability. *Journal of Linguistics*, v. 57, n. 3, p. 605–633, 2021b. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0022226720000535>.

HAWKINS, John A. *A performance theory of order and constituency*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

KELLER, Rudi. *On language change: The invisible hand in language*. London: Routledge, 1994.

MORAVCSIK, Edith A. *Introducing language typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

SHOPEN, Timothy (ed.). *Language typology and syntactic description* (3 volumes). Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SONG, Jae Jung. *Linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

Editoras e editores

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

Qualis A2

ISSN 1678-8931

www.revel.inf.br